

FIERGS

B A L A N Ç O

2018

P E R S P E C T I V A S

2019

O Brasil continua a convalescer após a crise mais intensa da sua história. Depois de avançar 1,0% em 2017, o crescimento do PIB em 2018 deve ser de 1,3%. O desempenho da economia brasileira nesse ano será muito inferior ao que esperávamos no final do ano passado (avanço de 2,7%). Diversos fatores, alguns mais prováveis e outros extremamente inesperados, tornaram o cenário repleto de incertezas, impactando profundamente a atividade nesse ano.

O cenário internacional, que nos últimos anos colaborou com as economias emergentes na forma de uma ampla liquidez e apetite por ativos de maior risco, passou por um ajuste profundo em resposta à política monetária mais restritiva dos EUA. A economia brasileira, que havia se beneficiado do quadro anterior – um dos elementos fundamentais para que atingíssemos a taxa Selic mais baixa da história –, acabou sendo afetada pelos influxos de capitais, volatilidade cambial e desaceleração da economia argentina. Entretanto, mais uma vez o colchão de segurança composto pelos US\$ 380 bilhões de reservas internacionais evitou que a nossa economia sofresse tanto quanto a Turquia e a Argentina, e apaziguou o risco de um contágio.

A crise dos transportes produziu dias de agonia e foi o evento inesperado que trouxe mais prejuízos para a atividade. A greve dos caminhoneiros deixou marcas na organização da nossa economia que persistem até hoje. Inicialmente, além da atividade paralisada, a confiança dos empresários, dos consumidores e do mercado de capitais foi duramente impactada. Posteriormente, entre as reivindicações atendidas para pôr fim ao impasse, o Governo promoveu a subvenção do preço do Diesel e publicou uma tabela para os fretes, com preços mínimos muito acima dos praticados pelo mercado. Essas duas medidas ajudaram a desorganizar ainda mais a economia, tendo em vista que o custo desse acordo recaiu sobre os demais setores. Além disso, a Copa do Mundo e as Eleições somaram-se aos eventos que ajudaram a desmobilizar e reduzir a atividade econômica. No varejo, também vale assinalar, a base de comparação está elevada por conta da liberação de recursos do FGTS em 2017.

A realização de uma reforma da Previdência em 2018 foi postergada ainda na metade de fevereiro. A intervenção nas forças de segurança no Rio de Janeiro consistiu num evento importante para a frustração dos investimentos e do próprio crescimento esperado para ano. Durante o regime de intervenção, é vetado realizar alterações na Constituição Federal. Essa decisão sepultou a possibilidade de uma reforma da Previdência em 2018.

Todos os elementos do cenário nacional compuseram a conjuntura do Rio Grande do Sul. A estimativa é de um crescimento de 1,1% em 2018, abaixo do projetado ao final do ano passado (1,4%). No Estado, se observou uma queda mais intensa da produção do setor primário em relação ao total do Brasil. Por outro lado, o avanço na indústria foi maior. Porém, o desempenho dos segmentos foi muito heterogêneo, poucos setores com crescimento acentuado puxaram o resultado agregado. A crise fiscal se agravou no final do ano e as medidas necessárias para a adesão ao Regime de Recuperação Fiscal não foram concretizadas, o que eleva o grau de incerteza para 2019.

Tanto a indústria brasileira quanto a gaúcha deixaram para trás a mais profunda recessão já registrada, mas ainda há um longo caminho para recuperar o que foi perdido nos últimos anos. No período 2014-2016, a produção no Brasil caiu 16,7% e no Estado recuou 18,5%. Assim, os crescimentos de 2017 e 2018 somados não chegam a um terço do tombo acumulado. Com isso, a produção industrial brasileira encerrará o ano 12,5% abaixo dos níveis de 2013, enquanto a gaúcha deve fechar 14,2% abaixo. São, portanto, tempos de recuperação para o setor, que ainda carece de consolidação.

Em que pese o mercado de trabalho brasileiro estar em trajetória de recuperação, em linha com a atividade, o ano de 2018 foi frustrante. Os resultados foram próximos aos prognósticos que fizemos no final do ano passado. O Brasil deve gerar em torno de 500 mil postos de trabalho, com desemprego em 11,6%. No Rio Grande do Sul, a geração de empregos formais foi muito baixa (cerca de 20 mil postos). Apenas uma pequena parcela dos empregos perdidos com a crise foi recuperada em 2018 – por volta de 10%. A taxa de desemprego no Estado se mantém em torno de 8,2% desde o 3º trimestre de 2016.

O cenário para a taxa de juros e a inflação continuou benigno. Assim como em 2017, a menor renda disponível na economia diminuiu a demanda agregada e forçou menores correções nos preços. Como esperávamos, o Banco Central do Brasil prosseguiu a redução de juros, levando a taxa Selic ao seu menor patamar da história (6,50% ao ano).

A evolução das Finanças Públicas se manteve extremamente preocupante, e será a principal fonte de risco no mercado doméstico para 2019. O avanço das despesas obrigatórias e o elevado patamar da dívida pública colocam em dúvida a estabilidade econômica do País no médio prazo. O **quadro fiscal do Rio Grande do Sul** é ainda mais complicado. O Estado ainda não aderiu ao Regime de Recuperação Fiscal, de modo que os atrasos nos pagamentos de servidores e fornecedores, que marcaram os últimos exercícios, tendem a continuar em 2019. Está cada vez mais difícil enxergar um horizonte positivo para as finanças gaúchas. O Estado está com os limites da Lei de Responsabilidade Fiscal para a dívida consolidada líquida e despesa com pessoal estourados, bem como um rombo previdenciário astronômico.

Apesar de um resultado muito abaixo do esperado em 2018, os elementos que sustentaram a projeção mais otimista ainda estão presentes. Além do menor endividamento das empresas e famílias, destacamos o crescimento da população em idade ativa, o elevado grau de ociosidade das plantas fabris, a diminuição do preço dos ativos reais e a obsolescência tecnológica nas empresas, o que traz a necessidade de investimentos de manutenção e atualização. Esse processo natural de esgotamento do ciclo recessivo se soma à baixa inflação e a queda nas taxas de juros para criar o ambiente para a recuperação cíclica da economia.

Portanto, o **cenário base** contempla uma aceleração na taxa de crescimento brasileira para 2,8% em 2019, em decorrência da diminuição da incerteza e do avanço na agenda de reformas. O Rio Grande do Sul tende a apresentar uma aceleração menos intensa, com crescimento de 2,4%, por conta da continuidade do delicado quadro das finanças públicas.

No **cenário superior**, projetamos uma aceleração mais forte no crescimento, com rápida realização das reformas, melhora do quadro fiscal e cenário externo favorável para os investimentos. No caso da economia regional, além do cenário nacional mais positivo, o avanço da atividade e a adesão ao Regime de Recuperação Fiscal atenuam os efeitos da crise nas finanças públicas.

Acreditamos que, mesmo no **cenário inferior**, a economia brasileira apresentará crescimento, apesar da expectativa de agravamento da crise fiscal devido ao atraso e/ou frustração das reformas, em especial a da Previdência. No caso do Rio Grande do Sul, o baixo crescimento decorre do agravamento na crise das finanças públicas estaduais e federais.

Acesse o trabalho completo em:

www.fiergs.org.br/economia/balanco-economico-e-perspectivas

CENÁRIOS MACROECONÔMICOS PARA 2019

REGIÃO	CENÁRIOS 2019	PIB	Descrição	Cenário	
				Indicador	Impacto
INTERNACIONAL	CENÁRIOS 2019	Superior	Atividade permanece aquecida nos países avançados, acelerando o crescimento mundial	Inflação	Manutenção do cenário inflacionário determinado pela aceleração do crescimento mundial
				Comércio	Estabilidade do crescimento impactado pela maior demanda das economias desenvolvidas
				Dólar	Dólar permanece no patamar atual
		Base	Estabilização da taxa de crescimento mundial, com pouso suave das economias desenvolvidas	Inflação	Desinflação mundial puxada pela queda do preço das <i>commodities</i> energéticas
				Comércio	Diminuição do volume de comércio mundial por conta das tensões comerciais entre Estados Unidos e China
				Dólar	Fortalecimento do Dólar por conta da política monetária mais restritiva nos países desenvolvidos
		Inferior	Desaceleração da taxa de crescimento mundial, com ritmo mais lento dos desenvolvidos e emergentes	Inflação	Desinflação mais intensa devido ao menor nível de atividade
				Comércio	Desaceleração mais intensa como resposta ao recrudescimento da guerra comercial entre Estados Unidos e China
				Dólar	Forte valorização do Dólar em resposta à deterioração nas expectativas para o cenário internacional
BRASIL	CENÁRIOS 2019	Superior	Aceleração mais intensa, com rápida implementação das reformas, melhora do quadro fiscal e cenário externo favorável para os investimentos	Inflação	Taxa de inflação acima da meta (4,25%), mas abaixo do limite superior (5,75%), por causa da atividade mais forte
				Juros	Aumento gradual já no primeiro semestre
				Taxa de câmbio	Valorização mais intensa em função do bom ambiente interno e externo
				Mercado de trabalho	Queda na taxa de desemprego, com expressiva geração de empregos formais
				Setor externo	Crescimento moderado das exportações e recuperação do nível de importação resultam no crescimento do <i>superávit</i> comercial
		Base	Aceleração na taxa de crescimento em decorrência da diminuição da incerteza e avanço na agenda de reformas	Inflação	Taxa de inflação próxima à meta (4,25%) devido à elevada ociosidade provocada pela crise
				Juros	Manutenção da taxa durante a maior parte do ano, mas com possibilidade de um leve aumento no segundo semestre
				Taxa de câmbio	Melhora no cenário proporciona valorização moderada
				Mercado de trabalho	Leve queda na taxa de desemprego, com melhora na geração de empregos formais
				Setor externo	Manutenção do <i>superávit</i> comercial como resultado do aumento das importações mais do que proporcional às exportações
		Inferior	Baixo crescimento com o agravamento da crise fiscal devido ao atraso e/ou frustração das reformas	Inflação	Inflação ligeiramente abaixo da meta. A desvalorização cambial será compensada pela fraca atividade nesse cenário
				Juros	Mesmo com a inflação baixa, os juros permanecerão no patamar atual visando acomodar riscos externos
				Taxa de câmbio	Agravamento da crise fiscal provoca intensa desvalorização
				Mercado de trabalho	Manutenção da taxa de desemprego, com baixa geração de empregos formais
				Setor externo	Estagnação das exportações, conjuntamente com o desempenho aquém do esperado para as importações resultam em uma leve redução do <i>superávit</i> comercial
RIO GRANDE DO SUL	CENÁRIOS 2019	Superior	Aceleração mais intensa em resposta à melhora expressiva do cenário nacional	Setor Externo	Melhora do cenário internacional mitiga parte dos efeitos da elevada base de comparação da balança comercial
				Arrecadação de ICMS	Considerando a renovação das alíquotas, haverá um crescimento robusto da arrecadação
				Mercado de Trabalho	Forte queda na taxa de desemprego, com expressiva geração de empregos formais
		Base	Aceleração da taxa de crescimento impulsionada pela melhora do cenário nacional	Setor Externo	Recuo das exportações da indústria em resposta à crise da Argentina
				Arrecadação de ICMS	Considerando a renovação das alíquotas, haverá um crescimento ligeiramente acima da atividade
				Mercado de Trabalho	Queda na taxa de desemprego, com melhora na geração de empregos formais
		Inferior	Baixo crescimento por conta do agravamento da crise das finanças públicas estaduais e federais	Setor Externo	<i>Superávit</i> menor em função da base elevada e do agravamento da crise econômica na Argentina
				Arrecadação de ICMS	Considerando a não renovação das alíquotas, haverá uma queda substancial das receitas
				Mercado de Trabalho	Manutenção da taxa de desemprego, com baixa geração de empregos formais

INTERNACIONAL

	2016	2017	2018*	2019**
Produto Interno Bruto Real (% a.a.)				
Estados Unidos	1,6	2,2	2,9	2,5
China	6,7	6,9	6,6	6,2
Japão	1,0	1,7	1,1	0,9
Zona do Euro	1,9	2,4	2,0	1,9
Europa emergente	3,3	6,0	3,8	2,0
Reino Unido	1,8	1,7	1,4	1,5
Ásia emergente	6,5	6,5	6,5	6,3
América Latina e Caribe	-0,6	1,3	1,2	2,2
Argentina	-1,8	2,9	-2,6	-1,6
Brasil	-3,5	1,0	1,3	2,8
Chile	1,3	1,5	4,0	3,4
México	2,9	2,0	2,2	2,5
Mundo	3,3	3,7	3,7	3,6
Inflação (% a.a. – fim de período)				
Estados Unidos	2,2	2,2	2,1	2,3
China	2,1	1,8	2,6	2,3
Japão	0,3	0,6	1,4	1,7
Zona do Euro	1,1	1,4	1,9	1,7
Europa emergente	4,2	6,8	10,6	8,5
Reino Unido	1,2	3,0	2,3	2,1
Ásia emergente	2,6	2,8	3,4	3,0
América Latina e Caribe	4,6	5,9	6,8	4,9
Argentina	-	24,8	40,5	20,2
Brasil	6,3	2,9	4,3	4,1
Chile	2,8	2,3	2,9	3,0
México	3,4	6,8	4,3	3,1
Mundo	3,0	3,3	4,2	3,6

Fonte: FMI. Projeções: Brasil – FIERGS/UEE. Demais Países: FMI.

* Estimativa Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

** Previsão Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

BRASIL

	2017	2018*	2019**		
			Inferior	Base	Superior
Produto Interno Bruto Real (% a.a.)***					
Agropecuária	13,0	-0,5	-3,5	1,1	3,0
Indústria	0,0	1,6	1,5	3,0	4,0
Serviços	0,3	1,4	1,8	2,7	3,5
Total	1,0	1,3	1,6	2,8	3,6
Inflação (% a.a.)					
IGP-M	-0,5	9,0	2,4	4,3	7,4
INPC	2,1	4,0	2,9	3,4	4,9
IPCA	2,9	4,3	3,2	4,1	5,3
Produção Física Industrial (% a.a.)					
Extrativa Mineral	4,5	0,4	3,1	4,0	5,0
Transformação	2,3	2,9	1,5	2,9	4,6
Indústria Total¹	2,5	2,5	2,0	3,2	4,2
Empregos Gerados – Mercado Formal (mil vínculos)					
Agropecuária	34,2	5,3	6,8	10,2	13,4
Indústria	-140,0	28,8	146,2	239,5	348,7
Indústria de Transformação	-14,8	10,5	116,6	171,0	224,6
Construção Civil	-116,2	7,9	26,4	57,1	87,5
Outras	-9,1	10,4	3,2	11,4	36,6
Serviços	92,5	460,6	400,8	608,6	814,5
Total	-13,3	494,7	553,8	858,3	1.176,7
Taxa de desemprego (%)					
Fim do ano	11,8	11,6	11,9	11,3	10,7
Média do ano	12,7	12,3	12,6	12,0	11,4
Setor Externo (US\$ Bilhões)					
Exportações	216,8	235,1	235,1	244,9	252,1
Importações	150,7	172,1	175,0	181,4	185,4
Balança Comercial	66,1	63,0	60,1	63,5	66,7
Moeda e Juros (% a.a.)					
Meta da taxa Selic – Fim do ano	7,00	6,50	6,25	6,50	8,00
Taxa de Câmbio – Desvalorização (%) ²	1,5	13,6	11,8	-0,2	-14,9
Taxa de Câmbio – Final do período	3,31	3,76	4,20	3,75	3,20
Setor Público (% do PIB)					
Resultado Primário	-1,7	-1,5	-1,7	-1,3	-0,3
Juros Nominais	-6,1	-5,8	-6,1	-5,6	-5,3
Resultado Nominal	-7,8	-7,3	-7,8	-6,9	-5,6
Dívida Líquida do Setor Público	51,6	52,3	54,5	53,3	52,1
Dívida Bruta do Governo Geral	74,0	77,6	80,1	78,5	77,3

¹ Não considera a Construção Civil e o SIUP

² Variação em relação ao final do período anterior

* Estimativa Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

** Previsão Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

*** O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado

RIO GRANDE DO SUL

	2017	2018*	2019**		
			Inferior	Base	Superior
Produto Interno Bruto Real (% a.a.)***					
Agropecuária	11,4	-2,5	0,5	2,5	4,5
Indústria	0,2	2,0	1,8	2,8	4,0
Serviços	-1,8	1,2	1,5	2,0	3,3
Total	1,0	1,1	1,2	2,4	3,8
Empregos Gerados – Mercado Formal (mil vínculos)					
Agropecuária	-1,5	-2,0	0,9	1,5	1,8
Indústria	-12,2	1,2	4,0	15,0	26,1
Indústria de Transformação	-5,9	1,4	0,9	9,4	18,0
Construção Civil	-3,9	0,4	-0,1	2,4	4,8
Outras	-2,3	-0,6	3,1	3,3	3,4
Serviços	5,4	19,7	22,5	38,0	53,5
Total	-8,3	18,9	27,3	54,6	81,5
Taxa de desemprego (%)					
Fim do ano	8,0	7,7	7,7	7,3	7,0
Média do ano	8,4	8,2	8,2	7,8	7,4
Balança Comercial (US\$ Bilhões)					
Exportações	17,8	20,9	16,6	17,2	17,9
Industriais	12,6	15,2	11,6	12,4	12,9
Importações	9,9	11,7	11,5	11,9	12,4
Saldo Comercial	7,9	9,2	5,1	5,3	5,5
Setor Público (R\$ Bilhões)					
ICMS	31,9	33,4	33,0	35,7	36,6
Indicadores Industriais (% a.a.)					
Faturamento real	3,9	4,1	3,9	6,3	7,6
Compras	-1,3	10,6	2,8	5,3	8,8
Utilização da capacidade instalada	1,2	2,0	1,1	1,5	1,9
Massa salarial	1,2	-2,6	1,0	2,6	3,5
Emprego	-1,1	0,9	0,7	1,2	1,7
Horas trabalhadas na produção	-1,6	0,1	2,8	3,5	4,2
Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS	0,4	3,0	2,4	3,9	5,6
Produção Industrial¹ (% a.a.)	0,5	4,7	1,4	3,0	4,2

¹ Não considera a Construção Civil e o SIUP

* Estimativa Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

** Previsão Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS

*** O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado